

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Diretor — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Misericordia

II

O primeiro facto, que citarei a comprovar as asserções exaradas no meu artigo anterior, é o que succedeu com o hospital d'Alijó.

Até 1897 Alijó nada tinha sob o ponto de vista beneficente. Nesse anno um camponez lega um pequeno capital, equivalente ao valor nominal d'uma inscrição de 100\$000 réis, para o primeiro hospital d'Alijó. Em 1901 umas senhoras dão uma pequena casa para a installação d'esse hospital. E os moradores d'Alijó, sem mais recursos, acceitam o legado e a doação e para os aproveitar fundam a Misericordia, e começam desde logo a angariar donativos para o custeio do hospital e para fundo permanente. Não descuram a sua faina beneficente, não desalentando porque ao fim de 5 annos apenas haviam grangeado o fundo permanente de 8:\$950\$000 réis em inscrições ou cerca de 3:580\$000 réis em moeda corrente.

A sua persistencia recebeu o galardão, que ella sempre alcança quando é bem orientada; em 1906 a 1907 com um importante legado deixado por um brasileiro que o seu proposito caritativo indefessamente prosseguido atrahiu.

Já no fim d'esse anno ficou o seu fundo em cerca de réis 20:000\$000 em moeda corrente.

E d'então por deante tem-se engrandecido cada vez mais a Misericordia d'Alijó, multiplicando os seus beneficios aos desventurados que abençoam a temeridade e tenacidade dos bemfeitores que desde 1901 a tem feito avultar á grandeza actual, não descoroçoando ante a mesquinhez do recursos que durante alguns annos parecia condemnal-a a um mallogro inevitavel.

Outro facto é o que tem succedido com a Misericordia d'Alcobaça. Esta, que nas suas installações hospitalares não tem inveja a nenhuma do paiz nas devidas proporções dos seus recursos e da povoação que socorre, talvez entre os ovarenses gose a reputação de haver conquistado d'assalto e com o despenhar caudaloso e subitaneo de donativos a sua situação prospera. Se essa ideia alimentaes, enganae-vos.

A Misericordia d'Alcobaça necessitou em 1888 deixar o seu hospital que pela sua capacidade e más condições hygienicas não satisfazia aos preceitos da sciencia e edificar outro que lograsse esses requisitos. Tal qual Ovar.

Não podia, porém, fazel-o com os recursos proprios que davam, quando muito, para o custeio do hospital e não para a sua edificação.

Resolveu, pois, appellar para a caridade dos seus conterraneos e extranhos, não desdenhando as instancias officiaes, para realizar essa edificação. Metteu hombros ao empreendimento e, tendo apenas pouco mais de 3:000\$000 réis, iniciou uma edificação que antevia exigir mais de 10:000\$000 réis.

E, que bem andou, demonstrou-o o facto de inaugurar em 15 d'agosto de 1890 o hospital no qual havia dispendido mais de 16:000\$000 réis, ficando elle completo com todos os accessorios de accommodações do pessoal, de vedação da cerca, etc., ao cabo de mais 7 annos, sendo o seu custo total superior a 19:000\$000 réis.

Mais tarde torna-se indispensavel completar a installação hospitalar com a construção do pavilhão para doencas infecto-contagiosas e processo semelhante é adoptado. Foi assente a primeira pedra d'esse edificio em 1 de novembro de 1902, contando a Misericordia apenas com cerca de 600\$000 réis de subscrição particular e 500\$000 réis de subsidio do Estado. Ao cabo de proxima mente 4 annos, em 1 de maio de 1906, era o pavilhão inaugurado, estando completa a sua installação e apto para receber doentes com dispendio superior a 8:000\$000 réis.

E n'esses 28:000\$000 réis dispendidos na construção e installação dos dous edificios entraram os donativos particulares d'Alcobaça e de fóra, dados directamente em dinheiro, roupas ou mobilia, ou obtidos por meio d'espectaculos, kermesses ou com a offerta de periodicos especiaes publicados nos dias d'inauguração sómente 10:763\$180 réis.

Em Alcobaça durante 18 annos e mais effectivamente durante 7 annos foi obtida uma verba pouco mais avultada do que Ovar já deu em 6 mezes, estando ainda por percorrer uma grande parte da área do seu concelho.

E é preciso notar-se que em Alcobaça a maior parte dos do-

nativos foi offerecida durante a construção dos edificios hospitalares e por ella despertada, emquanto que em Ovar não só ainda se não começou a construção d'edificio algum, como ainda nem sequer está escolhido definitivamente o local onde ella será feita.

D'estes dous factos bem frisantes se vê que Ovar com os seus 8:691\$160 réis de subscrição particular não tem motivo para desanimo.

Nem o não haver ultimamente affluído donativo algum que mais engrandeça a subscrição é para desalentar. Em primeiro logar aguardem elles, como tem sido feito, que os solicitem, e em segundo logar a apathia dos ultimos 7 mezes é motivo de sobra para suscitar desconfianças a quem pretenda subscriver de que redunde esteril o sacrificio que se propuzer fazer.

Ao contrario a subscrição angariada é animadora como nenhuma e é garantia infallivel de que se tornará extraordinariamente grandiosa quando o alçar das paredes hospitalares e o reconhecimento da necessidade de ella mais avultar para que atinjam o remate e sejam collocadas em condições de abrigarem os infortunados, estimular os corações generosos e os incitar a desentranhar o caudal dos seus beneficios.

Francisco Baptista Zagallo.

Commissão Parochial Republicana d'Ovar

Esta commissão convida por esta fórma os republicanos d'esta freguezia a inscreverem-se no respectivo cadastro partidario.

Para esse fim podem dirigir-se ao signatario ou a qualquer dos restantes membros da commissão, os cidadãos Luiz Ferreira Neves e José Tarujo Laranjeira.

O Presidente,

Domingos Lopes Fidalgo.

A situação em Portugal

A queda do gabinete Lima em Portugal significa o abandono pelos politicos portugueses, das suas pretensões a comprehender a significação moral do assassinio do ultimo rei e do príncipe real. Até a este significativo acontecimento, e á cinica dictadura do snr. Franco que immediatamente o

precedeu, estava em vigor o que os portugueses chamam *sistema rotativo*. Os dois grandes partidos, liberal e conservador, succediam um ao outro, alternadamente, em periodos iguaes, no poder e na divisão dos pães e dos peixes. Por uma convenção, que chegou a adquirir fóros de lei, quando um partido tinha estado no poder o tempo suficiente para o outro estar esfomeado, e elle proprio satisfeito, este graciosamente cedia o seu logar, e o novo gabinete logo tratava de dissolver o parlamento e de fazer as eleições por um processo tão perfeito que antes da votação, se podia dizer com precisão quantos membros de cada grupo seriam eleitos e como votariam. Os politicos prosperavam e o país decaía.

Os impostos aumentavam, a industria estacionava, o analfabetismo predominava entre o povo. A dictadura de Franco adoptou o mesmo sistema de exploração, mas em proveito da corôa e da corte, em vez de o ser no dos partidos ortodoxos. Os elementos progressivos voltaram se para o republicanismo, e a morte de D. Carlos e de seu filho foi um aviso aos politicos e á monarchia para que mudassem de rumo. Este aviso não foi escutado. O sistema rotativista foi tão modificado, que se formou immediatamente a seguir ao assassinio, uma combinação ministerial da presidencia do snr. Amarel; mas o velho processo de fazer parlamentos foi mantido, e a obra de reforma e reconstrução completamente posta de parte. Mas ainda isto não bastava ás pretensões dos partidos ortodoxos, aferrados ao sistema rotativo. O gabinete Lima é o quarto em 20 meses decorridos sobre a morte de D. Carlos, e parece ter sido a ulti na experiencia de coligação, ou de ministerios extra-partidarios, pois caiu perante a opposição dos partidos ortodoxos. Por outras palavras, o sistema rotativo está mais uma vez em pleno vigor, e o governo português recua mais uma vez aos tristes dias anteriores ao enfático aviso dado pelo povo de Portugal. A gravidade d'este facto, para a monarchia portuguesa, não pode ser maior.

Torna duplamente inseguro um trôno vacilante, e vem lançar muita luz sobre os persistentes esforços empregados para assegurar á dinastia portuguesa, por um casamento com o jovem rei, o apoio de uma grande potencia. A significação do caso não escapa ás grandes potencias, junto das quaes se fazem taes esforços.

(Do Daily News, órgão do partido liberal inglez, de 21 de dezembro de 1909).

ECHOS DA SEMANA

Um ganha-pão

Démos outro dia ao leitor, a informação do que era a fortuna de Leopoldo II á hora da morte—quarenta mil contos, se ainda se lembram.

Agora o seu sucessor no trono, o rei Alberto, vê fixada pelo par-

lamento a sua dotação rejia em 660 contos.

E' quanto, officiosamente e em circunstancias ordinarias, ganha de ordenado por ano um maganão a quem a sorte tirana destinou o cruel officio de reinar. 660 contos!... é uma reinação menos má.

A Misericordia

Recebido tarde, não poude sair no ultimo numero desta folha o artigo do nosso illustre conterraneo Dr. Francisco Zagallo. Hoje se repara a falta arreliadora, e que os nossos leitores desculpem termos-lhes demorado a ensinativa e beneficente leitura—tão jenerosa e elevadamente quebrando lanças pela mais simpatica e mais justa cauza.

Torna a tornar

Informações telegraficas, para alguns diarios do Porto, dão Julio de Vilhena como em vespuras de constituir, com meia duzia de deputados fieis, uma nova capelazinha politica. E assegura-se, a serio, que a informação corresponde a um successo veridico. De modo que... cêbo.

Fóra de portas

Pedimos ao leitor um obsequio—lêr e meditar a transcrição que fazemos «A Situação Política».

E' uma operação de catarata rude e certa, feita por estrangeiros—esses inglezes, de cuja força a nossa monarchia radioza cui lára tirar partido para ir vivendo e chorando.

Eles dizem-lhe coisas severas, coisas fortes, e teriamos que protestar indignada e ciozamente se a sentença que lavram ao rejime cravasse tambem a faca no coração do paiz. Tal não succede, visto que na Inglaterra ha a intelligencia e respeito de extramar a nação da casa real de Bragança. E' lêr... E' lêr...

Alves Cerqueira

Na sessão solene comemorativa do aniversario da Associação dos Bombeiros, foram descerrados os retratos de dois benemeritos d'aquela coletividade—Manoel Brandão e Alves Cerqueira. João Alves Cerqueira é um honrado cidadão e destaca como senio um trabalhador de faculdades peregrinamente beneficis.

Ha muito que nos honramos com o respeitar, e conhecer nele o que os inglezes chamam um *right man*, e, cumprimentando-o, pela homenagem justiceira, apraznos significar-lhe quanto nos foi grato assistirmos á festa em sua honra—honra de todos nós, seus concidadãos.

Camara de Lisboa

Promovido pela Associação dos Lojistas foi no dia 1 do corrente levada á Camara Municipal de Lisboa uma mensagem de homenagem aos trabalhos da illustre vereação republicana. A cidade de Lisboa num momento civico que a ezalça associou-se unanimemente á significativa manifestação, que

assumiu, assim, extraordinaria impo-
nencia. E' que a vereação da
capital ao respeito e á estima de
todos se tem sabido impôr:—pelo
que faz em todos os ramos da
sua administração modelo.

O regicídio

Continua a merecer as predile-
ções da sacristia do Quelhas e a
fazer vijilante o juizo de instru-
ção.

Por tanto, de quando em quan-
do, assaltos á casa alheia, bus-
cas domiciliarias, prizões, novidades á
sensation: toda a trama de uma
facundia racambolosa em des-
trambelhado jirar. Querem achar
pintados ou em *terra-cota* os cum-
plices do regicídio, e para isso
vá de prender pobres diabos com
nome inerito nos centros republi-
canos. Pois não os acham por tal
sistema, não os acham emquanto
não forem prezos todos os *homens*
que haviam em Portugal nas ves-
peras do atentado.

Todos—e na cabeça do rol o
malfeitor covardissimo.

Bôa-nova

Como todos sabem, reorgani-
sou-se a velha troupe d'amadores
dramaticos, a velha *Folle e Gaita*
que tão boas noites nos propor-
cionou e que no verão passado
se dissolvera.

Ainda bem. Tendo adquirido
alguns elementos novos que não
são para desprezar, ella deu no
1.º de janeiro o espectáculo que
em outro logar noticiamos.

Mas isso só não bastava.

Era preciso que não ficasse só
por esse espectáculo porque Ovar
já está habituado a esse bello pas-
satempo.

Ora a boa nova que damos aos
nossos leitores, haurida de bôa
fonte é que parece estar resolvido
a continuação dos espectáculos
em pról do progresso da nossa
terra, mantendo assim as glorio-
sas tradições da velhinha *Folle e*
Gaita na Beneficencia local.

E assim todos lucrarão: nós
porque gosamos, a troupe porque
se diverte e illustra, as associa-
ções de beneficencia que vêm
aumentar a sua receita e a Be-
nemerita Associação dos Voluntá-
rios que, além do augmento de re-
ceita vê utilizados os melhoramen-
tos introduzidos no theatro.

ARA

HINO DE ALGUM DIA

O galo canta, o galo canta...
rompe a manhã... vibra um clarim...
Justiça eterna aurora santa,
teu disco de ouro se levanta
ao longe... Emfim!

Canta a calhanda ao pé do arado...
Canta tambem, vilão ruim!
Já ninguém compra com teu gado
mantos de arminho ou de brocado...
Emfim! Emfim!

Já da miseria, ó rôto aldeão,
não faz a infancia o seu festim...
Já com teu vinho e com teu pão
não dizem missa ao Deus Milhão
judeus... Emfim!

(83) FOLHETIM

Camillo Castello Branco

A Brazileira de Prazins

O Nunes dava canelões intelligen-
tes e ás vezes, dolorosos ao abbade,
que o encarava de esconso como
quem diz:—percebo: não faça de
mim asno; sei que estou fallando
com el-rei.

A creada deu parte que estava
prompta a camã;—quando *Vossoria*
quizer—disse ella ao hospede, Ve-
rissimo sorriu-se agradavelmente:
—Que incommodo estou dando

Soldado, enrama a tua espada
de mirto e loiro e d'alcecrim;
ei-la de pé transfigurada,
radiante e ovante a Patria amada,
Emfim! Emfim!

Já teu pendão não vês de rastros,
não, marinheiro! Olha-o assim:
palpita épico nos mastros...
Tem c'ôrça nova: um aro de astros...
Emfim! Emfim!

O galo canta, o galo canta...
Rompe a manhã, vibra um clarim...
Justiça eterna, aurora santa,
Teu disco de ouro se levanta
ao longe... Emfim!

Guerra Junqueiro.

JUIZO DO ANO

O novo ano que ora começa, a
não haver sarrafusca no inter-pla-
netario vizinho, virá a sêr de 365
dias, e de tantas horas quantas a
multiplicação dos 24 momentos
pelos trezentos e sessenta e cinco
algarismos.

Agricultalmente será um ano mi-
zeravel, somitico, dando ao lavra-
dor muito vinho e umas escassas
amostras de azeite, enchendo-lhe
a eira de gorgulho aos moios e
moios, invadindo-lhe o faval de
pulgão e a hortaliça de pôtra, em-
fim será o safado, o descaroavel
de todo o sempre, egual ao que
se esgueirou, egual ao que já o
espreita pelas fiestas da eternida-
de... não tenham duvidas nisso,
você, ó Hercules do negro ama-
nho da terra!

Economicamente eu nem lhes
queria contar—tão infausto é o
prognostico d'este 1910 agoureiro
como una coruja—economicamen-
te este «ano novo» ireis recebel-
o pôdre, carcomido, crivado,
absolutamente chupado até ao in-
terior do tutano.

Nem dinheiro nem abundancia,
impostos e carestia dos comesti-
veis—é isto o eixo ideal da sua
rotação, tantas vezes quantas os
dias e as noites. Os pobres escu-
zam de contar com ninguem para
lhes acudir nos apertos, e os ricos
tratam de o pôr no seguro
por cauza d'aquelas coizas que
ninguem sabe como se armam e
nos apanham, isso a que se cha-
ma—o Futuro. Falirão nações, tal-
vez, sepultadas nas espiraes do
abismo que cegamente cavaram a
si proprias pela mão, é claro, dos
afanozos senhores que lhes ser-
vem de diabo e guia; e os indivi-
duos, pelo menos, continuarão a
estremar-se, com mais nitidez do
que d'antes, nas duas classes que
se esmurram *urbi et orbi*: a dos
que trabalham e são comidos, e a
dos que comem sem trabalhar.

Em politica o ano será a conti-
nuação gloriosa do reinado brig-
antuno, sob as azas protetoras da
Roma Negra e do Kediva dos
Navegantes. A Inglaterra e a Ale-
manha continuarão a apontarem-
se couraçados e explozivos ao
ventre, visto sêr o mundo peque-
no para sustentar duas lojas, e os
panos crus d'ambas elas morre-
rem ás pilhas nas fabricas, e visto
os mares já não terem campo pa-
ra os transatlanticos e competen-
cias das docas de Londres contra
as de Hamburgo. Ainda em poli-
tica, em Ovar, os «liberaes» pro-
gressistas continuarão com muita
honra e jeral aproveitamento a

dirijir os negocios publicos e tão
bem, tão proficiente e zelozamen-
te, que continuaremos n'aquela
estado que severamente vem cas-
tigando—e as mãos que nunca
lhe doam!—aquele batalhador que
cá em caza escreve a proza do
conhecido «*Pro domo nostra*».

Quanto ao ano literario... a
tiberna um tudo-nada aumentada
do que ha seis dias morreu. Não
que escritores não abundem, mas
porque, na verdade, é uma rari-
dade maior do que haver jeada
em Loanda, o encontrar-se quem,
ainda, saiba realmente escrever.
Teremos poetas, romancistas, his-
toriadores, sociologos, mestres etc.
etc., e eu lhes asseguro que seria,
já, um ovo por um real, vêr-se
nos prelos das livrarias, este ano
fruste em que nos metemos, um
livro, ao menos, de vera poezia,
um romance illustre, um trabalho
historico, sociolojico, educativo:—
em cada especialidade um bom li-
vro... e era cazo para crismar-
mos o ano do cognome de gran-
de. Mas podem têr a certeza—a
derreadella não tarda.

Metereologicamente, o ano será
de chuvas todas as vezes que os
reportorios annunciarem bom tem-
po, e será de sécas e nordestia,
noventa e nove vezes, sobre uma,
em todas as marés que o *sarago-
cano* dê suão brando e fertiliz-
ante acompanhado de chuvas.

Teremos gatos pelos telhados,
até aos fins de feve eiro, e, pois
que se fala nesse mezito, podem
contar que o entrudo será ainda
mais reles, mais estupidamente
chéché que o lastimavel predeces-
sor—já esfiapado e nojento. En
abril teremos a Pascoa, morrendo
Cristo com a sua pontualidade
anual para resuscitar ao terceiro
dia, em maio, com os primeiros
calores, pôr-se hão vermelhas as
jinjas, e por ahi fora, até dar o
ultimo toque, os senhores—já sa-
bem o «como» e o «onde» se
arrasta o ano, este 1910 de seis
dias que nos dá a impressão de
um Mathusalem.

Para cumulo de desgraças con-
tinuaremos nós, neste copo, a pra-
ticar como preceituava o imorre-
doiro Musset;—ai de nós «*A Pa-
tria*» promete-nos formalmente vi-
ver e ultrapassar rija e fera, a
meta dos doze mezes que tratam
este prognostico: o que é o cazo
do latinorio—*abyssus abyssum in-
vocat*, talqualmente o lançamos
aqui por copia, do manancial do
Laroune.

E o bem—esse eterno jardim
das Hesperides de todos os Juizos
do Ano—afinal de contas, nesta
profecia, esqueceu-nos de falar
d'ele. Todos o teem, de resto, até
á saciedade; todos o despejam na
rua num rebentar de fatura. E
lembra-lo, seria virmos falar, que
despauterio, na corda de linho do
enforcado...

Ano Novo, Ano Novo de Vida
Velha, por favor, sequer ao menos
—despacha-te!

Minusculus.

6 Recenseamento

E' agora a ocazião de todos os
eleitores não inscritos nos cadernos
electoraes, ou indevidamente regis-
trados, apresentarem seus requeri-

mentos, afim de serem incluídos,
sem margem a duvidas ou pretextos
eliminativos, nos cadernos do re-
censeamento. O partido republicano
da melhor boa vontade e com a mais
infatigavel dedicacão, em toda a
parte, promove a inscrição no re-
censeamento de todos os eleitores
legalmente habilitados, sem se preo-
cupar com o aspecto mesquinho e
apaixonado das opinões que se re-
censeam. Republicanos ou monar-
quicos, miguelistas ou socialistas,
para todos, como eleitores, as com-
missões republicanas trabalham, ins-
crevendo-os nos registos.

Seguindo esse ezeemplo e lição ci-
vica o partido republicano de Ovar
oferece-se para recensear todos os
cidadãos não incluzos nos cadernos,
isto sem preocupação partidaria,
trabalhando com o mesmo zelo, com
egual vontade, para a inscrição de
monarquicos como para a de repu-
blicanos.

A todos os nossos amigos, aos
nossos correligionarios, recomenda-
mos, pois, que tomem a peito essa
questão magna—visto que d'elle de-
pende a expressão verdadeira ou a
sostificacão do sufragio.

Procurem todos recensear os elei-
tores privados d'esse direito, e não
se poupem para isso a investigacões
e a trabalhos. De resto, contem com
o auxilio e a cooperacão efetiva das
commissões locais partidarias.

Não se trata de solicitar sacrifici-
os, ás vezes, realmente, custozos,
e para os quaes, de resto, está sem-
pre disposta a fé e a vigorosa ener-
jia republicana, trata-se de interes-
sar toda a gente—inimigos e ami-
gos—no cumprimento dos deveres
sociaes de que dimanam os direitos
publicos. Sêr eleitor é a primeira
condição e o primeiro dever do ho-
mem, procuremos, assim, que ne-
hum se conserve abaixo do seu lo-
gar e da sua especie.

Para se sêr recenseado basta ter
21 annos e saber ler e escrever, ou
ser contribuinte.

No primeiro caso (saber ler e es-
crever) requer-se nos seguintes ter-
mos:

Ill.º Ex.º Sr.
F..., de... annos de idade, estado, pro-
fissão, morador na rua de... n.º... andar,
reguezia de... sabendo ler e escrever, requer
a sua inscrição no recenseamento eleitoral.

Ovar... de... de 190
(Assignatura) E. R. M.

No segundo (pagamento de con-
tribuição) requer-se deste outro mo-
do:

Ill.º Ex.º Sr.
F..., de... annos de idade, estado, pro-
fissão, morador na rua de... n.º... andar,
reguezia de... sendo coletado por contribui-
ções directas do Estado em quantia superior a
500 réis como prova pelo recibo junto, pede
a sua inscrição no recenseamento eleitoral.

Ovar... de 190
(Assignatura) E. R. M.

BIBLIOGRAFIA

«*A Igreja e a Liberdade*» é um
volume de duzentas paginas esmera-
damente vertido para portuguez, e
editado como primeiro tomo da «*Bi-
blioteca de Educacão Moderna*»
pelos livreiros Almeida Carvalho &
C.ª.

A Igreja e a Liberdade, nunca
andaram de boa avença, tendo-se

não somos patêgos—dizia o abbade
ao Nunes.—Sim, bom é que se per-
suada... você percebe... E piscava
com esperteza.

—Ora, se percebo! O abbade tem
andado com uma cabula muito fina.
Eu é que me custa ter mão em mim.
A minha vontade era deitar-me de
joelhos aos pés d'elle, e dizer-lhe:
«Real senhor, nada de disfarces!
Aqui estão dois vassallos de vossa
magestade que lhe offerecem o seu
sangue!»

—Deixe estar, accomodava o pa-
dre, deixe estar, Nunes... As cois-
as não vão assim... Quando fôr
tempo, eu lh'o direi... Nada de
espantar a caça.

O Verissimo pediu ao abbade al-
gum livro para se entreter, e não o

de ser e ficar por uma ou outra,
sem possibilidades de acceptacão aten-
do-se a meos termos. Pela Igreja,
antigamente, ia-se para o ceu, apoz
ter-se deixado na terra um rastro
de sangue; pela Igreja, hoje em
dia, que a celestial mansão deu em
droga e não é permitido torrar ao
fogo os herejes, vae-se em rebanho
para os templos gastar a cera e re-
moer o latim das rezicas.

O livro, que historia as relações e
termos em que teem vivido as duas
religiões—Igreja, Liberdade—diz o
autor, na conclusão do volume, de-
dical-o á juventude.

Bem está. Os novos, todos aque-
les que abrem a porta do salão—
vida social— e entram com o gar-
bo e o sangue na guelra dos annos
namoriscaderos, é bom e util virem
prevenidos. Encontram cá o beato
S. Francisco, o devoto Santo Iná-
cio, o casto S. José, o insigne S.
Luz Gonzaga, o cura Santa Cruz e
o Santo Padre Lucrecia Borja, pes-
soas todas de consideracão e mais
partes que por suas muitas e cele-
bradas virtudes é util e bom conhe-
cer. No altar ficam muito de alto e
não costumam dar confiança, no
Flos Sanctorum vestem-os de disfar-
ce que não ha ahi vél-os sem tram-
bulhão do veridico, na historia, sim,
lá os temos taes quaes o seu tem-
po, seus hábitos, mas ideas e sua
crença os crearam.

O livro de Emilio Bossi fazendo-
nos viajar atravez das edades—e
que edades de trajada e dolorosa
escuridade!—impressiona pela soma
exposta de documentos, de tes-
temunhos clamorozos, de verdades
vivas.

E' um libelo contra a igreja—
catolica, protestante, cismatica, ou
a praga qualquer que seja, mas um
libelo que traz nas mãos em logar
de exclamacões fulminantes, factos
historicos, provas juridicas.

Por isso mesmo é particularmen-
te *blessant*, e merecê leitura dos no-
vos, os de boa fé, os de tempera-
mento facil, afim de os avizar e ins-
truir, sem que devam desdenhal-o
os velhos ou os de meia idade con-
servadora.

Deve estar no index ou lá irá pa-
rar com certeza, o que só por si é
suficiente para o recomendar á clien-
tela de livrarias. E, finalmente, é
um pequeno volume, não cança, nem
vem pejado d'arrotos de sabedoria
á jermanica... o que não é para
desprezar, quando se tem de fazer
ao tempo um rateio de seiscentos
milheiros de carapaus.

ARTE & LETRAS

Cantares

Enviados a ella n'uma collecção de postaes

I

Crença, eu q'ria ser vate
P'ra expandir o peito meu,
Cantando trovas d'amor
D'um coração que é só teu.

II

A sorrir me captivaste,
A brincar me apaixonei;
Se algum dia fui amado,
Com franqueza, não o sei.

obrigar a atural-o. O padre levou-o
ao seu quarto onde havia uma es-
tante de pinho com tres lotes de
livros. Mostrou-lhe o *Punkal dos*
Corcundas, a *Defesa de Portugal* do
padre Alvito Buella, a *Besta esfolada*,
os *Burros*, e o *Novo Principe*. O
Verissimo levou-os para o seu qua-
rto, excepto os *Burros*; disse que não
gostava de poesia. Fallou com lou-
vor do padre José Agostinho e de
Fr. Fortunato de S. Boaventura—
columnas do altar e do throno, que
tinham deixado dois vacuos impren-
chiveis na phalange realista. Pergun-
tou-lhe o abbade se o tinha conhe-
cido pessoalmente.—Que sim, como
as suas mãos... E sorria, como o
principe proscripto, se lhe fizessem
semelhante pergunta.

III

Teus olhos, os teus sorrisos,
Isso tudo me perdurou,
Fez de mim, livre vivente,
Apaixonado Romeu.

IV

Ao poder dos teus encantos
Não posso ser superior,
Tu és rainha, eu vassallo,
Escravo do teu amor.

V

Crença, eu sou um pedinte
Que ao amor estende a mão:
Mendigo o pão d'um affecto,
A esmola d'uma affeição.

VI

Amam as ondas no mar,
Os anjos amam no céu,
Ai, desgraçado d'um peito
Que por te amar só soffreu!

VII

Mea amor é lambareiro,
Por doçuras tem desejos,
Gosta de fazer sopinhas
Na ambrósia de teus beijos.

VIII

Dizem que o beijo é peccado,
Se assim é, não o julguei;
P'ra não ser's mais peccadora
Dá-me os beijos que te dei.

IX

Se eu morrer não acredites
O meu amor acabado:
Eu vou para o céu, dormindo,
Tratar do nosso noivado.

X

Tenho no peito um sacrario,
Do qual o amor é seu Deus;
N'esse sacrario estás tu,
Crença dos sonhos meus.

Ovar, dezembro de 909.

Augusto.

CHRONICA AGRICOLA

LVII

INSECTICIDAS

O gaz usado na iluminação publica é, como se sabe, estrahido da hulha, do carvão de pedra. Da distillação do alcatrão que d'essa fabricaço resulta, sahe um oleo pesado que é muito empregado como insecticida, substituindo mesmo o petroleo.

Vejo indicadas varias formulas:

Oleo pesado d'alcatrão. 900 grammas
Sabão negro 400 »
Agua 1.500 »

Dissolve-se o sabão em agua quente e junta-se o oleo pouco a pouco.

Obtem-se uma pasta que para se usar, se dilue em agua na razão de 200 a 300 grammas para cada 10 ou 12 litros d'agua.

A formula Langlois é semelhante

Oleo 5 kilos
Sabão negro. 1 »
Agua 94 litros

A formula de Balbiani tem a mais cal e naphthalina

Oleo d'alcatrão 20 partes
Naphthalina 30 »
Cal viva 100 »
Agua 400 »

A naphthalina é dissolvida no oleo. Ha ainda uma outra formula com a addição do sulfureto de carbono que é um poderosissimo insecticida e que no dizer do auctor do livro d'onde extrai estas notas, augmenta consideravelmente a força do oleo d'alcatrão ou do petroleo, sendo empregado principalmente na destruição do bochyllis. E' esta

Oleo. 10 kilos
Sulfureto de carbono 5 »
Acido oleico das fabricas de stearina 2 »
Soda caustica. 4/2 »
Agua 100 litros

Misturam-se o oleo, o acido oleico e o sulfureto de carbono, e deita-se esta mistura na agua em que já se tem dissolvido a soda, mechendo constantemente, de que resulta uma emulsão perfeitamente homogeneo.

Tambem em resultado d'experiencias feitas contra os pulgões e cochenilhas das arvores fructiferas se tem preferido uma formula em que o petroleo é substituido por parafina.

Soda caustica (98 0/0) 906 grammas
Sabão molle 227 »
Parafina 2,184 »
Agua da chuva 45,48 »

Dissolve-se o sabão em 4 1/2 litros d'agua a ferver e logo em seguida junta-se a parafina e bate-se até formar uma especie de creme que se faz passar por um pulverizador.

Aparte dissolve-se a soda na restante agua, misturando-se depois tudo muito bem.

Tambem se substitue o petroleo por a resina vulgar mas é usado para os tratamentos de verão, a benzina vaee sendo posta de parte.

O acido phenico é que ainda algumas vezes o substitue, empregando-se na seguinte proporção:

Acido phenico 1 litro
Sabão negro. 7 kilos
Agua 100 litros

Prepara-se como a do petroleo. Antes de terminar a indicacão das formulas em que entra o petroleo apontarei uma de que tenho usado contra o pulgão lanigero (Schizoneura lanigera que atac as macieiras).

Esse pulgão forma uma especie d'algodão em rama, de que lhe vem o nome. Emprego na epocha da vegetação uma simples mistura de petroleo e agua, sendo 3/4 d'agua e 1 de petroleo e d'isso tenho colhido magnificos resultados.

E' conveniente marcar as arvores atacadas e no inverno pincelal-as bem com uma receita mais energica:

Petroleo 3 1 litro
Sabão negro. 1 kilo
Agua 10 litros

Ou uma solução concentrada de sulfato de ferro a 30 % (30 kilos para 100 litros d'agua.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passa no dia 11 o seu anniversario natalicio a menina Rosa Gomes Dias, dedicada irmã do nosso amigo snr. Manoel Gomes Dias.

As nossas felicitações.

—Encontra-se entre nós com sua esposa e filho, de visita a sua familia, o nosso presado amigo Antonio Emilio Rodrigues Alexo, intelligente delegado da comarca d'Albufeira.

—Tambem estão n'esta villa, onde vieram passar as festas do Natal e Anno Novo, o nosso bom amigo José Gomes dos Santos Regueira e esposa.

—Accentuaram-se as melhoras do nosso estimado amigo e correligionario José Gomes da Silva Bonfácio. Felizmente a gravidade que o seu melindroso estado chegou a inspirar desvaneceu-se, e d'esperar é por esse motivo que o seu restabelecimento não se faça demorar.

Sua esposa tambem já entrou em convalescência.

E' com o maior prazer que registamos esta noticia.

—Na egreja parochial baptizou se no dia 25 de dezembro, um filho do snr. Joaquim Corrêa Dias.

A crença recebeu o nome de Francisco, sendo padrinhos o avô paterno snr. Francisco Corrêa Dias e avô materna snr.ª Maria da Silva Natária.

Reis

Hoje, lá para a noite, como do costume, festejar-se-ha o dia de Reis. Está isso na tradiçãõ e aos novos, valha a verdade, é uma usança das que lhe sabem a mel. Os pobres Reis foram uma lenda de que o christianismo se apropriou n'um largo espirito de confraternisação com as crenças que achou no mundo, quando, com S. Paulo, se deu á faina de o conquistar. Mas deixando para os curiosos eruditos as origens da historia, não é certo—ó vós!—que os tres Magos sejam a felicidade de muita alma e o arbo de muitos peitos na noite fria, cheia d'estrellas, mysteriosa d'aqui a horas? . . .

Pois não é assim?! . . .

Bombeiros Voluntarios

O dia 1 de janeiro, entre nós, desde ha 13 annos, commemorando uma data historica nos annaes da terra vareira, é consagrado absorventemente á festa da Associação dos Voluntarios.

São os bombeiros os homens do dia—aquelle primeiro dia do anno,

que, dizem as tradições, jámais errou como augur. Este anno, o da I nasceu d'uma ode de Horacio ou d'uma ecloga virgiliana: tão doce o sol, tão azul o céu, tão cor de prata as aguas, tão fina e ligeira a briza . . . Dia verdadeira e energeticamente pagão—isto é, bello, desafogado, alegre—para começo do anno fu realmente uma boa entrada. Mas . . . retrocedamos á narrativa.

De manhã, aos primeiros raios da luz solar, uma grandola de estrondosos foguetes annunciava ao burgo que tudo ia começar symphonicamente. Como de costume, uma banda de musica, em marcha, percorreu alguns arruamentos dando as boas-novas e acordando, ao vibrante som dos clarins, os preguiçosos ou os frios.

As 10 horas a missa: aquella famosa missa para onde os bombeiros marcham n'uma tenue marcial, reluzentes os meteos doirados, flamejante a bandeira; aquella missa que é já o sonho de burguezinhas e de tricranas, ainda o dia vem tão distante lá pelo dezembro negro . . . Missa vulgaris, é certo, mas gloriosa e solemne pelo ar brilhante das fardas, pela radiação que invade todos os rostos, e pela magia que lhe dá o sempiterno feminino; aquellas lindas mulheres que são a benção maior do creador a esta povoação, aquellas mulheres:—as dos meigos olhos castanhos, e as de olhos negros deslumbradores.

A missa segue-se a sessão solemne, este anno assumindo invulgar significação por que n'ella se realza a homenagem a dois benemeritos da Associação dos Bombeiros—Manoel Brandão e João Alves, cujos retratos devem ser descerrados n'aquelle momento festivo. E' no theatro Ovarense que, pedaços antes da hora, oficialmente marcada, se encontra já—á cunha. Ao meio dia é aberta a sessão pelo Ex.º Dr. Sobreira, que propõe para a presidencia José de Castro Vidal. Assumindo a presidencia este nosso Ex.º amigo propõe para secretariarem os Ex.ºs Surs. Abel Pinho e Angelo Lima, designando para apresentarem os retratos dos dois benemeritos os Ex.ºs Surs. Administrador do concelho e Commandante do corpo activo dos Bombeiros. Uma prolongada salva de palmas segue-se, fazendo vibrar o salão e, seguidamente, aberta a sessão, dá o snr. presidente a palavra aos cavalheiros inscriptos. A falta de espaço, e o não nos ter sido possivel tomarmos notas exatas, precisas, obriga-nos a resumir n'uma ideia geral o que os diversos oradores desenvolveram nos seus discursos.

Dr. Antonio Soares Pinto, quer tornar alli conhecida a razão da não comparencia á festa, do seu amigo Manoel Brandão. Elle não veio, não lhe foi dado assistir por um motivo ponderoso, chamára-o a outro ponto, festa de familia, a que não houvera escusar-se. Mas de pensamento, d'alma alli estava, e a elle, seu como irmão, lhe pedira para o representar n'esta festa. O orador exalta Alves Cerqueira, o homem de poderosa vontade e apuradissimo tinno, a quem, em boa verdade, se deve aquella obra magnifica. Quando a Associação se fundou o Alves foi o centro de convergencia que venceu attrictos, desanuveou prevenções e annullou inimizadas antigas; mais tarde o disciplinador, o mestre, a intelligencia sempre desperta, outro não foi senão esse amigo. Para as honras, para as apparencias de commandante elle, orador, lá tinha o seu nome; para as fadigas, para o verdadeiro commando do corpo activo, estava inteiramente o benemerito que era alli o alvo do affecto e do respeito de todos.

Dr. Pedro Chaves. Treze annos não passam debalde sobre as collectividades como sobre os individuos, dos que fundaram aquella prestante collectividade, alguns haviam já dispersado, arrastados pelo inexoravel da fatalidade das coisas. Era bom lembral-os, e no meio d'aquella alegria, n'aquella festa, que o deixassem rememorar os que já não voltam.

A Associação dos Bombeiros Voluntarios marcára data n'esta sua terra, porque foi a primeira phase

d'um movimento social eminentemente benefico. Como Associação fôra a primeira, a que estimulára, a que acordára as energias associativas.

E a lição tinha fructificado, elle, orador, alli estava comprovando-o com a Beneficencia Escolar, irmã mais nova, que sob um significado moral symbolista vivia de atear as labaredas sagradas e vivificantes do ensino. Os benemeritos a quem era feita aquella homenagem devida eram homens na integral acção, grande, do termo; eram-no aquellos que, como o João Alves, de todo se tinham entregue á sua obstinada e meritoria canceira. Felicitava-se o orador por aquelle dia e por aquella honragem significativa.

Dr. José de Almeida. Bem dita e maravilhosa é a chamma, a que aquece, a que illumina, a que transfigura e espiritualisa.

E' santa a chamma que faz o valor, a que brilha na intelligencia, a que flameja no espirito. Mas ha outra subvertedora, sinistra, a do incendio destruidor. Tambem saúda n'uma homenagem sentida, cheio de enternecimento e respeito os benemeritos da Associação dos Bombeiros.

Dr. Antonio Sobreira. Disse-se por ahí, razamente, que a fecunda e formosa generosidade de Manoel Brandão devia ser descontada no muito que á fortuna devera esse benemerito. Mas ah! que era julgar mal, ah! que era uma mesquinhez o dito. Quantos tão ricos, quantos ainda mais abonados, longe de terem a fortuna para a generosidade e o bem a manejam, apenas, com o fim arido do mais rigoroso egoismo. Aquelle não-dera movido do altruismo, era na verdade um benefactor, com esse outro homem de bem de larga e furtificante iniciativa que o orador saudava com o melhor do seu pensamento.

Anthero Cardoso. O orador é muito novo, é o menos auctorizado para fallar á assembleia. Mas sente-se bem porque falla movido de irreprimivel impulso, ante a importancia d'aquelle acto não podendo ficar calado. João Alves elevou-se no cumprimento social do dever humano até bem merecer, e com inteira justiça, a homenagem de Ovar. Meditassem os novos na substancia d'esse facto, viessem alli aprender, retirassem para suas casas com o coração dominado pela belleza e pela grandiosidade d'aquella licção profunda. Era preciso ajir no sentido humano, socialmente util, os novos, os da sua edade, que ganhassem n'aquella festa o estimulo para metter hombros á faina que é de urgencia levar a effeito. Ainda o orador alonga em phrase veemente, apresentando a largos traços o relevo moral de Alves Cerqueira, e, eu respeito, diz.

José Vidal. Faz-se o elogio dos que merecem da sociedade, e tomará como suas as manifestações da homenagem a que comovidamente vem de se assistir—tão bem concordes com o que sente. Ha tambem outros heroes, os que atravez de perigos de toda a sorte se sacrificam no altar da patria, honrando a sua bandeira. Está presente o homem illustre por actos de estremada valia—sauda o patriota e o vareiro de nome:—Anthero de Magalhães. Recorda ainda Arthur Ferreira diz dos factos, do sacrificio, da dedicacão, do carinho que esse homem, emminutamente, deu á Associação dos Bombeiros. Deve-lhe esta serviços sem conta, propõe um voto de louvor a Arthur Ferreira, que é aprovado.

João Alves. A commoção grande e avassaladora sacode-o, mal lhe dá alta para que, entrecortadas, as palavras soem, irrompam.

«Este logar, esta hora, este momento . . .» e a mesma força, violentamente contida, mal o deixa concluir um agradecer sentidissimo. Findára se, e uma ovação se soergue ao morrer das finaes palavras.

A' noite, fechando a festa, realisou-se no theatro Ovarense o annunciado espectáculo. Casa dos dias grandes, e o desempenho das peças rasoavel. Boa a tuna cuja execução foi perfeita.

Centro Republicano de Ovar

Realizou-se domingo passado a prestação de contas da Direcção cassante, contas que após verificacão dos socios presentes foram aprovadas. A eleição dos novos corpos gerentes, deu, por maioria de votos, o resultado seguinte:

Direcção: effectivos

Ernesto Zagallo de Lima
Manoel d'Oliveira Salvador
Luiz Ferreira Neves
Manoel Nunes Branco
Antonio Valente d'Almeida

Substitutos:

Manoel Mattos
Fernando Arthur Pereira
João Alves Cerqueira
Manoel Moreira
José Figueiredo

Prezidiu aos trabalhos da assembleia geral o cidadão Celestino Soares d'Almeida, secretariado pelos snrs: Antonio d'Oliveira Mello e Ernesto Zagallo de Lima.

Escassissima a concorrência o que é para motivar justos e magoasos reparos. Os nossos correligionarios que com sacrificio custeam a sustentação do centro partidario, não imaginem que a sua interferencia e o seu interesse pela collectividade republicana ficam quites e pagos de sobra com a capitação que lhes cabe, com a ajuda pecuniaria. O seu dever era concorrer pessoalmente com a sua presença a todas as reuniões para que os convocam; o seu dever era terem ido fiscalisar directa e vigiamente o relatorio de contas da Direcção.

Havia ainda a direcção nova a eleger e para isso, todos deveriam ter ido ezercer o seu direito que simultaneamente é um dever civico. Por indolencia, por fadarem tudo dos outros, n'uma verdadeira incompreensão ou n'um despropozitado desleixo, abstiveram-se em grande parte de o fazer. Pois andaram mal, mesmo muito mal, quizendo dando razão ao que nos asseveram que o melhor é desespear-se de ver modificados os detestaveis, os inadmissiveis habitos adquiridos. Assim nunca aprendem a realizar nos seus actos publicos a acção democratica, e o abandono a que votam, negligentemente, a vida intima partidaria não se lhes pode aceitar sem protesto e sem acerba condemnação.

VENDE-SE

Um magnifico predio de sobrado com quintal, agua encaçada e muito bem dividido, no largo do Martyr (de traz da capella); e tambem se vende o bom predio n.º 44 da rua de Sant'Anna.

Este predio vende-se de novo por o caseiro não ter cumprido o contracto de compra. Liquidação positiva para soffrer compromissos.

A tratar com a proprietaria Joanna Rodrigues da Graça, no largo do Martyr.

Mercearia Valente

PRAÇA—OVAR

Acaba de expôr á venda um sortido das afamadas conservas d'«A Varina», que vende pelos preços da fabrica.

Tambem vende a superior farinha «Nestlé», por preço inferior ao Porto.

Acaba tambem de receber novas remessas de arame simples e farpado, rede de arame; páz de ferro, fogareiros, tintas e um completo sortimento de ferragens.

Em mercearia:—de tudo e artigos de primeira qualidade Tudo a preços-baratissimos.

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis.
Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portuguesa.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.^a qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis
> 2.^a „ „ 15 „ 1\$350

BAIRRADA

> 1.^a qual., 15 kilos. 1\$300
> 2.^a „ „ 15 „ 1\$250
> 3.^a „ „ 15 „ 1\$200

Batatas, 15 kilos 400

Centeio 20 litros 740

Fava, 20 litros 750

Farinha de milho, 20 litros . 840

> trigo, 1.^a qual. kilo. 103

> „ 2.^a „ „ 93

> cabecinha 62

> semente superfina. „ 40

> „ grossa 38

Feijão vermelho, 20 litros . 1\$280

> branco, 20 „ . 1\$220

> mistura, 20 „ . 960

Milho branco, 20 „ . 800

> amarello, 20 „ . 700

Ovos, duzia 140

Tremoço, 20 litros 380

Azeite, 1.^a qual. litro. 300

> 2.^a „ „ 270

> 3.^a „ „ 260

Alcool puro, 26 litros. 6\$500

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380

> bagaceira, 26 litros. 2\$730

> figo, 26 litros 1\$950

Geropiga fina, 26 litros 2\$080

> baixa, 26 „ 1\$430

Vinho tinto, 26 litros. 750

> branco, 26 „ 900

> verde, 26 „ 900

Vinagre tinto, 26 „ 700

> branco, 26 „ 900

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:306\$010 réis

Companha do Socorro—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:012\$520

Companha S. José—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:588\$510

Companha S. Pedro—Rendimento de janeiro a maio de 1909 681\$990

Companha S. Luiz—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de

Rezes abatidas para o consumo:

.... Bois, com o peso de kilos

.... Vitelas, „ „ „ „

.... Porcos, „ „ „ „

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção para Hespanha. . 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr. cada 50 gr. ou fracção. . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr. cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção 5 >
Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
> cada 20 gr. ou fracção . 30 >

Bilhetes postaes: cada 20 >

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10
> 10\$001 „ „ 50\$000 „ . 20
> 50\$001 „ „ 100\$000 „ . 30
> 100\$001 „ „ 250\$000 „ . 50

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50

Valor não conhecido ou declarado. 500

Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
> 20\$001 „ „ 50\$000 „ . 50
> 50\$001 „ „ 250\$000 „ . 100

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
> 20\$001 „ „ 40\$000 „ . 40
> 40\$001 „ „ 60\$000 „ . 60
> 60\$001 „ „ 80\$000 „ . 80
> 80\$001 „ „ 100\$000 „ . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
> 20\$001 „ „ 100\$000 „ . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5 >

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Mot.a. 6 >

Bairro d'Arruela até á Poça. 7 >

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8

Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral 9 >

Estação e Pellames. 10 >

João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas
Ribeira. 12 >
Assões—Granja e Guilho-vae. 13 >
Furadouro. 14 >
Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Afonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespania».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas
João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite
Afonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha
Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas
A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.^a, Moagem de Cereaes—S. Aires Pinto & C.^a, Limitada Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.^a

Feiras Mensaes
De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias
«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St.^a Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas
João Alves—Praça, João Costa — Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

Mercearias
Abilio José da Silva—Ponte Nova, Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes
Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.^a, Salvador & Irmão.

Recebedoria
Recebedor — Antonio Valente Compadre.
Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria
Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal
Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO DESDE 5 DE NOVEMBRO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Exp.	Tr.	Mix.	Rap.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	3,6	3,30	—	5	5,59	8,45
Campanhã	5,30	6,50	7,10	9	9,55	3,80	3,46	3,50	5,10	6,10	9,5
Espinha	6,20	7,27	8	9,29	10,49	4,5	4,31	5,7	6,39	7,1	9,55
Esmoriz	6,36	7,35	8,16	—	11,2	4,13	4,48	—	—	7,18	10,4
Corteçaça	6,42	—	8,22	—	11,7	—	4,55	—	—	7,24	—
Carvalh. ^{ra}	6,48	—	8,28	—	11,11	—	5,5	—	—	7,31	—
OVAR	6,58	7,50	8,38	—	11,22	4,31	5,15	6,2	—	7,42	10,24
Vallega	—	7,56	—	—	11,29	—	—	—	—	7,49	—
Avanca	—	8,1	—	—	11,35	—	—	—	—	7,56	—
Estarreja	—	8,13	—	—	11,49	—	—	—	—	8,9	10,45
Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,13	5,11	—	7,12	6,14	8,37	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,5	—	7,58	—	11,3	—	—	5,34	9,57	10,28
Estarreja	4,28	5,28	—	8,39	—	11,31	—	—	6,4	—	10,52
Avanca	4,37	—	—	—	—	11,42	—	—	6,12	—	—
Vallega	4,43	—	—	—	—	11,48	—	—	6,17	—	—
OVAR	4,51	5,50	7,20	9,18	—	11,57	—	—	5,35	6,27	—
Carvalh. ^{ra}	5,2	—	7,31	—	—	12,8	—	—	5,46	—	—
Corteçaça	5,7	—	7,36	—	—	12,13	—	—	5,51	—	—
Esmoriz	5,13	6,4	7,42	—	—	12,18	—	—	5,57	6,42	—
Espinha	5,30	6,16	7,59	9,49	—	12,34	—	—	2,39	6,14	6,55
Campanhã	6,22	7,10	8,50	11,33	—	11,49	—	—	3,8	7,6	7,47
S. Bento	6,34	7,31	9,2	—	—	11,58	—	—	3,18	7,15	8,1